Acta Scientiarum
http://www.uem.br/acta
ISSN printed: 1983-4675
ISSN on-line: 1983-4683
Doi: 10.4025/actascilangcult.v36i2.22800

Enunciação aforizante na imprensa cotidiana brasileira

BARONAS, Roberto Leiser. **Enunciação aforizante**: um estudo discursivo sobre pequenas frases na imprensa cotidiana brasileira. São Carlos: Edufscar, 2013. 143 p. ISBN 978-85-7600-327-4

Andre William Alves de Assis

Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Minas Gerais, Av. Antônio Carlos, 6627, Pampulha, 31270-901, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. E-mail: assis.awa@gmail.com

No livro *Enunciação aforizante: um estudo discursivo sobre pequenas frases na imprensa cotidiana brasileira*, Roberto Leiser Baronas, professor Doutor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), apresenta-nos cinco artigos de sua autoria que problematizam um mesmo objeto: as pequenas frases. O autor observa a circulação e a transformação desses enunciados, analisando diferentes gêneros e diferentes materialidades, oriundos da imprensa cotidiana brasileira. O livro tem como ponto forte as análises desenvolvidas pelo autor. A maior parte do referencial teórico está relacionada com estudos atuais e pressupostos teóricos de Maingueneau.

No primeiro artigo, intitulado 'Algumas considerações discursivas sobre as eleições presidenciais brasileiras de 2010', Baronas se propõe a analisar, discursivamente, o processo de destextualização de falas e de fotografias de atores políticos, sob o olhar da Análise de Discurso de base enunciativa. O *corpus* desse artigo é composto por recortes dos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo, ambos em suas versões *online*. Em seu percurso, o autor perpassa pelo que denomina de três principais tendências dos estudos discursivos: tendência materialista, derivada de Pêcheux; tendência historicista, que inicialmente compreendeu os trabalhos de Jean-Jacques Courtine, Jacques Guillaumou, Denise Maldidier, entre outros; tendência enunciativa, como base nos trabalhos de Dominique Maingueneau.

Para cada uma das três tendências, Baronas levanta um rol de conceitos e nos apresenta, analiticamente, seu funcionamento no *corpus* em tela. No entanto, o foco do trabalho está na última tendência, especificamente em torno da noção de aforização. Para que possamos compreendê-la, Baronas retoma Maingueneau, abordando a questão da destacabilidade, assim como características específicas das aforizações. De acordo com Baronas, a aforização pertence a um regime enunciativo específico, o regime aforizante. Isso confere à aforização certa autonomia, acompanhada de uma tensão na ordem do texto que a acolhe. O aforizador é, portanto, compreendido não como uma instância enunciativa distinta ao locutor, mas uma instância supra-enunciativa que entra em contato com uma fonte transcendente.

Na imprensa, algumas dessas aforizações podem ainda ser tomadas em um processo pandêmico, em que circulam durante certo período do tempo, em diferentes mídias, com frequência elevada. Na análise, Baronas observou que os destaques de enunciados e imagens dos atores políticos não só direcionam a interpretação dos leitores, como propõem um percurso interpretativo mobilizado por um conjunto de saberes interdiscursivos, partilhados entre a máquina midiática e os leitores.

Em "A circulação de enunciados destacados na mídia e a produção pletórica de simulacros", segundo artigo do livro, Baronas nos apresenta alguns enunciados destacados do livro didático *Por uma vida melhor*. Esses enunciados circularam e foram objeto de destaque e de incontáveis retomadas na mídia brasileira. Os recortes de um trecho do livro, divulgados em rede nacional, gerou grande polêmica por supostamente propagar erros de português. Observando que somente alguns excertos do livro foram veiculados (e não sua totalidade), Baronas se propôs a analisar como esses recortes, descontextualizados do livro e distantes da proposta nele veiculada, poderiam potencializar a circulação de diferentes simulacros na mídia, classificada por ele como "[...] uma máquina de destacar e aforizar enunciados [...]" (BARONAS, 2013, p. 59).

Embasado teoricamente em Maingueneau, especificamente nas noções de aforização (enunciação aforizante) e sobreasseveração (enunciação textualizante), Baronas analisa três enunciados veiculados pelo Jornal Nacional. Em sua análise, observou: enunciados destacados idênticos ou que sofrem alterações em relação ao original,

neste último caso o destaque foi operacionalizado por meio de alterações diversas; enunciados em que a alteração foi muito intensa, a ponto de construir sequências que não estão no contexto de origem. Após esses destaques providos pelo jornal, o livro passou a circular em diferentes gêneros e em diferentes campos do saber, proliferando muitos comentários, matérias, entrevistas, a esse respeito. O processo de aforização mostrou-se direcionado pelo processo deôntico interpretativo da interincompreensão, sendo responsável pela construção de diferentes simulacros.

'A aforização proverbial e o negro' é o título do terceiro artigo do livro. Nele, o objeto de análise são as enunciações proverbiais que, segundo Baronas, colocam em circulação valores disfóricos acerca do negro. O *corpus* é composto por um material extraído das obras *Adágios portugueses reduzidos a lugares comuns*, de Antônio Delicado, e *Provérbios brasileiros,* de José Pérez. Baronas tem como hipótese central que esses enunciados retomam a voz monofônica de um hiperenunciador, que reitera o caráter ignominioso do negro. Para a análise, o autor se ancora em pressupostos de Maingueneau, levantando conceitos relacionados à problemática das frases sem texto.

Os resultados mostram que os provérbios sobre negros funcionam como os demais provérbios: possuem lexias cristalizadas, por isso sua compreensão não permite uma decomposição de seus elementos mínimos; condensam uma verdade histórica e culturalmente enraizada. A representação do negro é, portanto, afetado pela doxa, um conjunto de valores estereotipados de uma época. Nos exemplos, esses valores são ignominiosos, ou seja, negativos. Todas as vozes presentes nesses provérbios constituem um enunciado disfórico, de estrutura *P pois Q*, que explicam e confirmam os valores negativos dos negros. Essa estrutura não apresenta uma construção polêmica entre as vozes; pelo contrário, evidencia-se como uma construção monofônica, validada por um hiperenunciador de *ethos* sentencioso.

A pergunta 'Enunciação aforizante imagética?' dá título ao quarto artigo do livro. A dúvida é pertinente porque, como justifica o autor, a 'Análise do Discurso' francesa surgiu privilegiando o discurso político. Com o passar do tempo, passou a tomar como objeto materialidades distintas, privilegiando também objetos multisemióticos. Com a proposta de fazer uma análise discursiva de fotografias de atores políticos, que circularam no jornal Folha de S. Paulo no segundo turno das eleições brasileiras do ano de 2010, Baronas toma como base os conceitos de citação, destacabilidade e aforização, propostos por Maingueneau. Embora eles sejam pressupostos empregados em textos escritos, Baronas pretende deslocar epistemologicamente essas categorias em seu *corpus* composto por imagens.

Na análise, evidenciou-se que a reprodução de uma fotografia pode apagar, silenciar aquilo que não é compatível com a Formação Discursiva (FD) a que a imagem se vincula, produzindo simulacros regrados pela FD de cada um dos veículos de informação. Isso fica evidente nos exemplos que abordam a persignação (sinal da cruz com o dedo polegar) de Dilma Rousseff, em uma Igreja. As fotografias denotam um descompasso em relação às demais pessoas presentes na fotografia no momento de fazer o sinal da cruz. Essas imagens reivindicam uma memória discursiva bastante retomada durante a campanha da candidata. Para Baronas, essas imagens são aforizações imagéticas, ao passo que ratificam o discurso transverso significando Dilma como ateia. Essa conclusão e as demais análises permitem que Baronas expanda a proposta de aforização, especificamente as do tipo que sofrem um processo de extração, podendo significar tanto na ordem verbal como na ordem visual.

'Pequenas frases sem eira nem beira: o caso das metaforizações' é o título do quinto e último capítulo do livro. Nele, Baronas se propõe a analisar o processo de surgimento do enunciado 'A esperança venceu o medo', e sua posterior retomada, transformações e circulação em um vasto *corpus*, composto por recortes retirados de diferentes suportes entre os anos de 2002 e 2012. Teoricamente, o autor se ancora nos pressupostos de Maingueneau, sobretudo nos conceitos de enunciação aforizante e de panaforização. Esse último, foco do trabalho, trata-se de uma palavra-valise que condensa o termo 'pan', de pandemia e 'aforização'. A panaforização se refere a enunciados que são dados a circular em um processo do tipo pandêmico: durante um período curto, eles têm uma frequência muito elevada de circulação na mídia.

Na análise, Baronas retoma o enunciado 'A esperança venceu o medo', atribuindo seu surgimento a Luiz Inácio Lula da Silva no ano de 2002, momento em que ele disputava o pleito de presidente da república brasileira. Na época, o candidato estava em desvantagem nas pesquisas. A frase teria surgido em resposta a um vídeo publicizado pelo PSDB, em que a atriz Regina Duarte dizia sentir medo em relação aos riscos que o Brasil correria, caso Lula fosse eleito. A produção de 'A esperança venceu o medo' tem relações interdiscursivas também com o *slogan* da campanha de Lula e com os diferentes e numerosos discursos que circularam naquele momento na sociedade brasileira.

Embora eminente em um momento sócio-histórico específico, Baronas observou que desde 2002 a pequena frase em tela tem grande frequência de uso. São exemplos o *slogan* de Marta Suplicy 'A esperança vai vencer o medo', em 2008, e a fala de Jacques Wagner, governador da Bahia 'A democracia venceu o medo', em 2012. Essas retomadas e intensificação estão relacionadas ao conceito de panaforização proposto por Maingueneau. No entanto, Baronas acredita que esse conceito não dá conta de explicar o enunciado em tela, pois ela não atende à efemeridade inerente ao conceito de panaforização proposto por Maingueneau. Pelo contrário, Baronas observa em suas análises que 'A esperança venceu o medo' se mantém no cenário midiático ao longo de dez anos, significando diferentes e diversos eventos discursivos. Essa constatação permite que Baronas expanda o conceito de enunciação aforizante de Maingueneau, no que diz respeito às aforizações destacadas de um texto. O enunciado 'A esperança venceu o medo' não deve ser observado como uma aforização estrita ou como panafororizações. Para Baronas, trata-se de um caso de 'metaforização'.

Como foi possível observar, o leitor não encontrará nesse livro uma simples aplicação de teoria de Maingueneau. Baronas propõe e realiza discussões bastante profundas que extrapolam, estremecem e fazem ranger os conceitos apresentados, resultando em um alargamento significativo dos estudos da enunciação aforizante. Trata-se de um material que interessa a Analistas do Discurso e da Comunicação, assim como profissionais e leitores das mídias interessados em compreender o funcionamento e a aplicabilidade de enunciados destacados na imprensa cotidiana brasileira.

Referências

BARONAS, R. L. **Enunciação aforizante**: um estudo discursivo sobre pequenas frases na imprensa cotidiana brasileira. São Carlos: Edufscar, 2013. 143 p.

Received on January 20, 2014.
Accepted on April 24, 2014.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.